

ÈONOÉ

# ÈONOÉ

Uma cosmogonia

de José Rubens Siqueira

## PRÓLOGO

CORVO - Seguinte:

POMBA - Tô ouvindo perguntarem: Quem é? Quem não é? Quem são?

CORVO - Paciência, que nós já vamos contar.

POMBA - Eu sei quem eu sou porque só sou o que sou.

CORVO - Sou negro como a noite;

como o antes e o depois;

como o desconhecido;

como o medo e o tormento;

como o nada; como uma pergunta:

sou o que não foi, que não será,

o que não se vê,

sou o não ser, o negro Corvo.

POMBA - Eu sou o durante;

eu sou a luz, movimento;

corpo que nasce e cresce e quer

e goza e sofre e vai e vem e murcha e morre;

eu sou a paz, sou vento

que sopra entre o começo e o fim;

tudo;

eu sou, eu fui, eu serei

a Pomba branca, transparente.

CORVO - E ele aí? Quem é?

POMBA - Bicho não é.

CORVO - Nem deus.

POMBA - É um homem.

CORVO - Como vocês.

POMBA - Pai de vocês.

CORVO - É.

NOÉ - Quem sou eu?

POMBA - É o Noé.

CORVO - Seguinte:

1

NOÉ - Como será? Como é? Como foi?

Deus vivia sossegado no bem bom da eternidade, nem sabia que existia.

Um zero.

Não estava assim, nem assado, nem cozido.

Ovo. Zero. Como um ovo. Que ninguém botou. Um ovo dele mesmo.

Que não tem dentro nem fora nem antes nem depois nem escuro nem claro.

Ali.

Que está ali. Existindo só.

O ovo, Deus,

pai e filho dele mesmo,

só era.

GRANDE VOZ COM ECO - “No princípio, era o Verbo”.

NOÉ - É.

Nem foi, nem ser, nem será.

É.

Depois do princípio é que veio o acontecer.

E o primeiro que aconteceu é que ele abriu os olhos.

E se viu-se: a Luz.

De repente, sabia que existia.

Percebeu que era. E que estava. Ali. Sendo, *éndo*.

E passou uma eternidade e mais dez milhões de eternidades,

e Deus piscou.

E a piscada de Deus era o escuro, o sentir,

e o olhar de Deus era a luz, o saber.

Deus piscava e olhava, piscava e olhava,

e era a noite e o dia, o sonho e a matéria,

o Tempo começou,

primeiro filho de Deus:

o Tempo que passa.

E passou uma eternidade e mais dez milhões de eternidades,

e Deus se mexeu-se.

Como um ovo, se partiu-se em dois:

preto branco, claro escuro, duro mole, sonho e matéria,

os dois Deus.

E passou uma eternidade e mais dez milhões de eternidades,

e outra vez Deus se mexeu-se.

Como um ovo, se pariu-se:

macho fêmea Ele Ela.

Os dois Deus.

A se contemplar.

E Ele achou Ela tão linda

e Ela achou Ele tão lindo

que se juntaram de novo num abraço:

preto branco, claro escuro, duro mole, sonho e matéria,

o Amor começou,

segundo filho de Deus,

o Amor que gera.

E passou uma eternidade e mais dez milhões de eternidades

e Eladeus e Eledeus

presos no abraço do se amar-se

explodiram em estrelas, galáxias, constelações,

o sol, a lua, os planetas.

E Eladeus se deitou-se,  
na Terra se transformou-se  
e Eledeus por cima dela  
se estendeu-se, protetor,  
o Céu

que ora é azul e ouro puro,  
aquecendo, agasalhando,  
ora negro e cintilante,  
silencioso, refrescante.

E passou uma eternidade e mais dez milhões de eternidades  
e Eledeuscéu com saudade  
chorou a chuva: lágrima, suor, saliva, semente.

E Eladeusterra colheu o leite celeste  
em todo o seu corpo fervente,  
e virou rios, riachos, cachoeiras, poças, lagos, lagoas,  
e no seu centro, seu ventre: o mar.

E rejuntadas no Amor as duas partes de Deus,  
Ele chovendo nela, Ela sorvendo a chuva,  
foi se fazendo na terra, da terra,  
a variedade das coisas:

na terra as plantas, os bichos; os pássaros, aves no ar; na água os peixes,  
o fogo do Amor dEledeuscéu dEladeusterra  
animando tudo que respirava.

Respirava, só.

Não mexia, não vivia, não saía do lugar,  
plantas bichos aves peixes  
enfeites pregados no corpo da Terra,  
existindo sem saber  
no fogo do Sol, no gelo da Lua.

Céu, Terra, tudo Deus.

O vento, alento do Amor,

atravessando tudo,

feito um beijo sem fim.

E passou uma eternidade e mais dez milhões de eternidades,

e tontos de tanto amor,

tontos de tanta beleza

Deuselecéu e Deuselaterra,

sentiram saudades de quando ainda eram zero, ovo, perfeição.

Então criaram Um que era um espelho de si

antes do filho Tempo,

antes do filho Amor.

Foi assim:

de tudo que havia na terra e tudo que havia na água,

a Terra fez o Um que era espelho de si.

E ao se ver-se assim tão belo,

o Céu soprou fogo e ar dentro do Um.

E o Um mexeu-se e viveu.

Abriu os olhos e viu:

preto branco, claro escuro, duro mole, sonho e matéria.

E o Um soube que era,

igual a Deus no princípio antes do começo.

E o Um chorou.

Porque era a imagem de Deus,

mas não tinha imagem de si.

A Terra quando sentiu aquelas lágrimas quentes

caindo sobre o seu dorso,

sentiu pena e se sacudiu-se.

E as plantas e bichos e peixes e aves todos se soltaram

e se mexeram sozinhos e vieram perto do Um,

pra ele escolher quem queria para si.

O Um viu a multidão dos seres da terra, da água, do ar,  
e chorou ainda.

Porque via em todos eles um pedaço seu,  
mas nunca ele mesmo inteiro.

O Um.

E como o Um também era Deus,  
o Céu sentiu a sua dor  
e se sacudiu-se por sua vez  
e com um raio partiu o Um ao meio.

O Um era Dois: macho e fêmea, homem e mulher.

E quando o Homem viu a Mulher, e a Mulher viu o Homem,  
um a imagem invertida do outro,  
como Deus quando se viu-se antes do começo do tempo,  
o Homem e a Mulher se juntaram num abraço.

E do abraço do Homem e da Mulher,  
nasceu outro igual a eles.

E já não eram Um, nem Dois, eram Três.

E quando Deus  
viu que a sua criatura,  
igual a Ele Ela,  
era também capaz de criar também  
e multiplicar-se,  
Deus se admirou-se,  
porque a perfeição da Criação  
era agora igual à perfeição de antes da Criação.

Então, Deus se retirou-se.

Ele Ela se fundiu-se no ovo do Antes,  
porque o Depois da Criação  
já se gerava-se muito bem sozinho.

Era o Mundo.

E passou uma eternidade e mais dez milhões de eternidades,  
e Deus tornou a despertar do seu sono ovo.

E quando quis olhar seu espelho,  
quis rever a Criação,  
se viu-se sujo, viu-se torto, viu-se morto.

O Mundo que ele deixara na perfeição do equilíbrio,  
era agora o Reino dos Homens.

E o Reino dos Homens era o Terror:  
a própria Mulher, a companheira, e as crianças, criaturas,  
as plantas, os bichos da terra do ar da água,  
o próprio corpo da Terra,  
o próprio espaço do Céu,  
estavam podres, roídos,  
porque os Homens se esqueceram de Deus  
e inventaram a Morte.

Da morte se alimentavam,  
na morte se deliciavam.

E Deus sentiu que ia chorar,  
porque a Morte ele não tinha criado, não.

Toda vida, a vida toda,  
que da terra se formara,  
na terra se desmanchava:

a mãe Terra condenada a devorar os próprios filhos:  
do pó ao pó.

E Deus se arrependeu-se  
de ter criado a criatura  
que como ele criava,  
mas desmanchava a criação.

E quis ele então desmanchar o que fizera,



porque estava triste.  
 Antes porém de derramar  
 o Dilúvio do seu pranto,  
 Deus procurou entre os Homens,  
 um que ainda se lembrasse dele.  
 E esse um fui eu, sou eu, é eu:  
 Noé.

GRANDE VOZ COM ECO - “Faz uma arca”

NOÉ - Ele disse. E eu fiz conforme ele me ensinou.

GRANDE VOZ COM ECO - “Entra nela com tua família.

De cada criatura da terra leva um par,  
 pra que se guarde a semente  
 de tudo quanto eu criei.”

NOÉ - Durante quarenta dias,

durante quarenta noites,

Deus chorou sua tristeza sobre a terra  
 até que não havia mais que o mar das lágrimas de Deus  
 cobrindo a face da Terra,  
 inchada dos frutos mortos de si.

E sobre as águas a Arca  
 flutuava feito um ovo,  
 levando no bojo a semente de toda a criação.

E quando cessou o pranto de Deus,  
 passou uma eternidade e mais dez milhões de eternidades.

## 2

CORVO - Tá tudo muito bem, tá tudo muito bom, falou? Mas o que ele não contou foi  
 como a coisa se passou. Conto? Não conto? Conto. Assim, ó, seguinte: ni qui o

Noé aqui aprontou aquela puta arca lá, bojuda, gorda que parecia mulher prenha, nem não precisou anunciar nada, não. Juntou gente e juntou a bicharada toda, tudo quanto de vivo havia, ali, rondando, espiando, curioso, interessado. “Pra que que esse maluco desse Noé inventou de fazer barca aqui no seco, nem não tem nem rio nem mar por perto, vai boiar naonde?” que eles perguntava. E ele quieto, calado. Não falava nada. Pra lá, pra cá, enchendo a arca de comida, de vaso de verdura, de coxo de capim seco, de saco de grão, e muitos etcétera porque “sabe-se lá quanto tempo que vai durar esse tal de dilúvio”, ele pensava. Aí, quando chegou o dia certo, Noé subiu lá no alto do mais alto da barca-arca, e falou assim pro povo todo reunido: “É o fim do mundo, meus irmão! O mundo vai se acabar! Deus vai mandar um dilúvio e o sertão vai virar mar! Arrependei-vos!” E o pessoal, o povo todo que eram gente, caíram na risada e foram-se indo embora, deixaram Noé falando sozinho e foram cuidar dos seus interesse: passar a perna nos outro, ganhar dinheiro, investir na bolsa, sonegar imposto, superfaturar orçamento, essas coisa importante, porque não tinham tempo pra perder com essas besteira de Deus e de fim de mundo não, não é? E se foram falando assim: “É maluco!”, dizia um. “É doido!”, que o outro dizia. “É fanático!” É isto, é aquilo, é, não é, a gentarada tudo dizendo alguma coisa assim. E ali rodeando a arca ficamos os bichos, que não entendemo desses ser ou não ser, a gente que é bicho, que é o que é e pronto, cada um conforme a sua nascença e não se fala mais nisso, os que come mato, do elefante até a formiga, ali, comendo mato, os que gosta de sangue quente, desde o mosquito até o leão, ali também, calado, ouvindo Noé e obedecendo a vontade de Deus que é mais fácil viver assim nesse contentamento da natureza, é ou não é? E vai, o Noé pra nós, bicharada, não fez discurso não, que ele sabia que se pra gente não adiantava, porque gente prefere ser surdo, pra nós que não havia de adiantar também, não, por causo disso que eu falei inda agorinha, não vou repetir. Vai, então, o Noé desceu lá de riba e se pôs a passear no meio da bicharada, escolhendo os mais robusto, um macho-e-fême de cada, tocando os casal tudo pra dentro da arca e ia os lobo do lado dos cordeiro, e os leão juntinho das zebra, e os tigre dijunto das gazela, ninguém não matava nem morria, era a

paz da sabedoria que se o mundo haveria de se salvar tinha de ser no companheirismo, quando a fome batesse é que se ia ver o que fazer, Noé chamou, Noé haveria de prover. Os bicho de água não foram chamado, não, porque eles a água não ia matar não, pois não é? E os bichos que voa também não precisava de embarcar também não porque podia ficar avoando e vim comer na arca quando o mundo afundasse todo inteiro. Só bicho de terra. E tinha de um tudo. De tudo um par, macho e fême, igual quando Deus principiou. Mas porém naquele tempo, os bicho não era tanto que nem os bicho de hoje, não. Senão, como é que haveria de caber na arca, sô, é ou não é? E tampouco era igual os bichos que hoje há. Havia, claro, que havia, uns bichos que ainda hoje há. Mas outros há que se fizeram na eternidade que passamos lá dentro trancado. Por exemplo? Vou contar. Foi assim, ó, seguinte: embarcaram um casal de cachorro e um casal de gato, que esses já tinha então. E já não se gostava, não. Então, vai, o tempo passando, lá fora só água e céu, nada pra fazer, se esqueceram da convivência pacífica, começaram uma briga: o cão e o gato. Daquelas. E morde e arranha e late e mia, e late mia arranha morde, vai, a gata entra no meio pra apartar, o cão, nhóquete-nhóque!, arranca a cabeça dela com uma mordida só. Foi sangue pra todo lado e a gata ali se estrebuchando até se acabar. Ni qui viu que tava sozinho no mundo, a fúria do gato redobrou e o danadinho grudunhou nos gargomilo do cão que não adiantou o perverso se sacudir o mais que podia que o gato não largou enquanto não matou-lhe. É. O grande prevalece, mas não se desdenhe a força do miúdo! E quando a briga apacentou-se, lá ficaram, viúvos, o gato e a cadela. E dias e dias passaram, cada um jururu no seu canto, amargando a soledade pelo parceiro falecido. Passou-se um pouco, coisa vai, coisa vem, o gato pegou, se enrodilhou na cadela. Ela nem te ligo, só virou assim o focinho pro outro lado. Passa dias, semanas, mês, deram de se consolar. Passou-se um pouco mais, que o tempo tudo cura, eis!: a cadela prenha. E no tempo natural, a cadela pariu três filhote mui taludo: um era cão, igualzinho ao marido morrido, pra substituir-lhe e gerar outros segundo a sua semelhança; outro gata, mimosa!, escrita e escarrada aquela que podia ser sua mãe, própria mesmo para tomar o lugar dela no afeto do gato; e o terceiro, minha gente!, um bicho que

nunca se vira, misto de cão e de gato, do cão herdou a aparência com o homem, mas era porém astuto como gato, ladino. Manso e cordato, quase cachorro, quando queria, arisco e traiçoeiro quando a ocasião exigia. Foi assim, minha gente, que se criou o macaco. É. O que de macaquice aprontou, o macaco na arca. Mire, veja: assim que ficou de idade, que sentiu as primeira urgência nas parte lá de baixo, como não tinha companheira, era o primeiro da sua raça, encarapitava em tudo que era fême que passava na frente dele. Grande, pequena, braba ou mansa, bastava não ser macho. Levou testada do bode, coice do burro, patada do urso, que defendia as companheira. Mas você aprendia? Pois o macaco também não aprendia, não, porque a querença de corpo dele era forte por demais. Vai, um dia, se encarrapichou com a papagaia, toda jeitosa, verde-amarela, e tanto fez, tanto intentou, que acabou tombando a bichinha assim no chão, “ahn, ahn, ahn”, gemia o macaco, pra frente, pra trás, pra frente, pra trás, a papagaia pegou, botou o bico no mundo, acordou o papagaio que veio que veio feito fera, tacou o bico no macaco que até deu pena e se botou a falar umas coisa que naquele tempo ninguém não entendia, não, pra dar vazão à sua raiva, e assim se inventou os palavrão que eu aqui não vou repetir não porque a platéia é seleta e porque se não cuidou do que digo, vem o Noé ali presente e nem sei! Bom. O que de história se passou naquela arca!... Iche! Pudera! Uma eternidade inteira a multidão dos bichos da terra ali trancado... que que podia se esperar? Ahn? O macaco? Ah, mistéro! Mistéro é coisa que já havia, que sempre existiu e existirá pelos século seculórum. Passou um tanto, outro tanto, tapão, murro, chute, arranhada, mordida, bicada, de tudo levou o macaco e ninguém não sabe nem saberá como, um dia apareceu rodeado de macaquinho. E tinha macho e tinha fême e passou o tempo e eles tudo tinha par. É. Macaco e macaca pra desembarcar quando chegasse o tempo. Áfe! mas demorou. Ah, sim, que demorou. E muitas das coisa que hoje se véve no mundo ali foi que principiou. Apois. É, sim, não é mesmo não? É. Seguinte: dois medo que vou contar como que se originou. Primeiro: quem não sabe que elefante padece de medo de rato? Então. Pois de antes não havia essa acautela, não, visto que bicho tão grande ia lá temer vivente tão miudinho? Na arca foi que principiou.

Assim, ó: nem bem entrou na arca, os rato já seguiram o conselho de Deus, se multiplicaram que só vendo. Dos dois que embarcou, um par de dias depois já era pra mais de dúzia. Os mais velho, o casal que Noé escolhera, esses ainda que se comportava, mas os novinho... judiação! Ali naquele aperto, sem mato, sem nada, como que ia brincar? Ficavam fazendo algazarra. Corria daqui, corria dali, se enrolavam uns em cima dos outro. “Cuí-cuí-cuí”, gritando. Arre! Vai, os dois elefante, macho e fême, que Noé resolvera colocar ali do lado dos bicho pequeno pra equilibrar a arca, vizinho mesmo dos rato, se amofinaram com aquela confusão, pediram ordem, respeito, com aquele tamanho deles, as orelhona abanando, a tromba levantando assim no ar, bufando. E? E nada! Quem que é capaz de segurar rato novo de cento, de milhar? Sim, porque nessas altura já aquele canto da arca era um mar de rato. Mar de água lá fora, mar de rato ali dentro. E por riba das ondas do mar de rato os elefante pairando feito a arca mesma, transatlântico, transdiluviario ambos dois. E vai, então, como eu tava dizendo, os elefante protestaram com a bagunça dos ratos, nada não adiantou não. Que os ratinho era danado. Pois então o elefantão pega um dia e pra ensinar uma lição na rataiada, tacou aquele pezão redondo dele bem no meio da legião de ratinho novo, numa pezada só magalhou pra mais de cento. Aquilo foi que foi uma comoção. Bicho tão sereno e sábio, paciente, que era a fama do elefante, fazer uma coisa dessa com a rataiada, onde já se viu? Decerto que o que fez foi porque estava também perturbado de ali ficar confinado uma eternidade no bojo da arca de Noé. Porém fez, estava feito, não tem como se desculpar, não haveria como voltar atrás. O pai-rato, o primeiro, quando viu a perversidade já feita, nem perdeu tempo em se lamentar, não. Partiu pra cima do baita elefante, e não adiantou a mulher, os filho mais velho segurar: “Deixa disso!” “Loucura!”, que eles dizia. “Como é que você desse tamanhinho vai enfrentar o bicho mais maior da terra?” E pai-rato, o primeiro, empinou assim o corpinho miudinho-miudinho dele, falou assim, sem bravata, sem nem engrossar a voz: “Pois não só vingo os que o monstro matou, como vou fazer ele ter medo de mim pra todo o sempre.” E afoito, se livrou das mão dos parentes que lhe segurava, avançou, que já tinha tudo urdido na cabeça, podia morrer, mas sabia que

estava na hora do pequeno enfrentar o grande, e nessa enfrentação não era força que adiantava, não, mas astúcia. E coragem, nem se discute. E foi o pai-rato, o primeiro, e parou assim diante do elefante-macho que mascava lá o capim seco dele, que é um espanto um bicho daquele tamanho se nutrir só de mato, e perguntou-lhe o rato, em voz mui, mui pequena, falando baixo: “Elefante, fostes tu, ó rei dos pasquidermes, que de uma patada só, exterminastes centos e miles inocentes da minha família?” Mesmo com aquelas baita orelha o elefante não escutou nada, falou assim: “Ahn? Está falando comigo, rato?” Era isso mesmo que o pai-rato, o primeiro, pretendia, porque no coração podia estar fervendo de raiva, mas na cabeça estava frio de gelo. E repetiu, só um pouquinho mais alto: “Elefante, fostes tu, ó rei dos pasquidermes, que de uma patada só, exterminastes centos e miles inocentes da minha família?” O elefante, pensando que o rato estava falando baixo de medo, enrolou a tromba assim pra riba, até tocar na testa, empinou inda mais o corpanzil, falou: “Não te escuto, ínfima criatura, fala mais alto.” E pai-rato, o primeiro, falou assim, numa bela voz que todo mundo ouviu. Sim, porque naquele instante, estava toda a bicharada reunida pra assistir, assim que nem vocês estão reunido aqui. Vai, pai-rato, o primeiro, falou: “Se não me escutais, ó, elefante, dignai-se me pegar-me a mim, tão pequeno que sou, com vossa possante tromba e coloqueis-me sobre sua cabeça vossa pra ouvir o que tenho para dizer-te-vos.” O elefante, tão soberbo estava, pra disfarçar, talvez, o mau ato que fizera esmagando os ratinho, nem não se deu conta que tinha ouvido muito bem o que dissera pai-rato, o primeiro, e baixou assim a tromba pra pegar o bichinho e colocar ele em cima da cabeça pra escutar. Ni qui a ponta da tromba do elefante estava ali no chão diante dele, com aquele buracão cor-de-rosa na ponta, em vez de subir em cima, pai-rato, o primeiro, mais que depressa enfiou-se pelo buraco que é por onde o elefante respira e se agarrou lá por dentro com vinte unha e outros tanto dente. O elefante bufou, espirrou, soprou com toda força, tentando expulsar pai-rato lá de dentro de si. Nada! Pai-rato podia morrer lá dentro do nariz do elefante, que não ia desgrudar, não. E o elefante ficando roxo, sem ar, pulou e esperneou pra lá e pra cá, tanto, mas tanto, que a arca adernou, quase soçobrando. Até que por

fim, pai-rato lá dentro da tromba, aliviou o agarro e saiu caminhando mui calmamente, todo coberto de meleca, por certo, mas bem vitorioso. E é por isso, minha gente, que desde então, elefante tem tanto medo de rato e o grande, se for sabido, teme o pequeno, porque o pequeno se enfia onde o grande nunca não caberá não. Bom. Conforme prometi lá atrás, fiquei de contar dois medos que a humanidade herdou dos ocorrido da arca. Agora, porém, uma idéia puxa outra, já que falei em buraco, estou me lembrando de um outro medo de que eu tinha quase esquecido. Que é o medo que as mulher tem de cobra. Ah, já estão se rindo, pois não? Nem não preciso contar a história que já entenderam, não é? Pois é assim mesmo, gente, porém ao mesmo tempo não é, porque nada é o que é simplesmente. Sempre há mais coisa por traz da realidade das coisa. Se fala hoje que Freud explica, mas Freud nem não tinha nascido quando a cobra, então, um dia, sentindo frio, na umidade da arca, resolveu se agasalhar justo ali dentro, na caverna quente e macia que encontrou no meio das pernas da mulher de Noé. Dizem uns que ela estava dormindo, nem não percebeu o bicho entrando lá dentro dela. Outros, mais verso, diz que ela bem que se deu conta, mas gostou e calou. Nem uma coisa, nem outra, e um pouco de cada uma, que causo contado sempre tem uma pitada de verdade e muitas várias de mentira. E o que se deu de verdade, é o que agora vou contar. Pois: o mesmo empenho que Noé pusera na escolha dos bichos, pôs Noé, e mais ainda, multiplicado, na escolha da Mulher que desposou pra ir na arca com ele. Era mulher de carnes, que tinha gosto nos prazer da vida, mas tão temente a Deus que nem ele mesmo. Igual que nem o Noé, a Noéia, quase que se podia se chamar. Não haveria de ter gosto em fazer coisa com bicho, não. Inda mais cobra. Fique dito que naquele tempo, cobra não tinha macho e fême, não. Cobra dava conta de si sozinha, fazia filho consigo mesma, de formas que foi dessa cobra-cobro, nem macho, nem fême, e os dois junto ao mesmo tempo, que penetrou lá nos de dentro da mulher. Seja como fôre, o que de fato se passou é que quando sentia o frio da noite, a cobra ali se metia e ficava agasalhada lá no fundo escuro da mulher. Agora vem a verdade verdadeira, que é assim: tão sincera e pura era a mulher de Noé, quase que nem uma criança, que pensava que a cobra era o Noé

que entrava nela de noite. É. Não duvidem vocês, não. Porque se inda hoje se tivesse essa inteireza dela, as coisa se passava diferente no mundo, garanto. Então. Passou-se uma noite, outra mais, seis noite se passou com a cobra se enfiando ali pra se aquecer. A mulher sempre a pensar que era Noé. Na sétima noite, Noé sentiu urgência e procurou a sua mulher. Só que ao tacar a mão nas intimidade dela, Noé deu com a cobra, meia pra dentro, meia pra fora. Tanta estranheza já tinha ele visto ocorrer na arca, que saltou pra trás, pensou: “Êpa! Pois será que a mulher se tornou igual eu, imagem e semelhança, em homem se tornou?!” Meia dormida, meia acordada, a mulher deu-se conta do engano: Noé ali e ela já preenchida. Num átimo percebeu o abuso, rancou a cobra de lá de dentro de si, pinchou longe a danada. Se não era Noé lhe deter a paixão de raiva, esmagava a cabeça do bicho com o pé. E tão grande foi o horror que ela sentiu que ficou gravado nas carne dela pra todo sempre e de todas mulher que depois nasceram, até hoje. Que me corrija as mulher aqui presente se de cobra não sente ojeriza. Não sente? Sente. É. Pois. Mais outras coisa muitas se deram na barca-arca, que eu conto outro dia, pois não?, porque muitas muitíssimas foram, visto que ali passamo uma eternidade e mais dez milhão de eternidade.





## 3

POMBA - E cada dia era novo. Cada dia é sempre novo. Do escuro da noite brota a luz do dia conforme foi no princípio.

GRANDE VOZ COM ECO - “Fiat lux.”

POMBA - E quando abrimos os olhos de manhã, do caos do sono brota a luz da consciência em cada ser humano, conforme foi no princípio. A vida é repetição, repetição, repetição... Viemos de um ovo. Metade homem, metade mulher, todo mundo. Como Deus. Nasecemos, e até hoje é um sopro do ar que nos dá vida. Nasecemos bichos, como os primeiros. Crescemos, conforme cresceu a humanidade. Igual. Cada vida, de cada um de nós, repete a história da humanidade do princípio ao fim. Bichos primeiro, idade do leite, só mamar e cagar. Feras depois, ganhamos dentes, comemos sangue, idade das grandes perguntas. Quem, em criança, como os primeiros humanos da terra, não perguntou: “como é que a gente nasce? Por que morre? Quem é Deus? De onde eu vim, para onde eu vou?” Perguntas que vão se esquecendo, porque trocamos de dentes e vem a idade da invenção: não criou a humanidade, no tempo das cavernas, os inventos que até hoje não se pode aperfeiçoar?: a agulha, a roda, os muitos usos do fogo? Igual o fim da infância de cada um, quando aprendemos a usar instrumentos. É só olhar passo a passo: a humanidade e cada um. Uns somos fortes, uns magros, uns barrigudos, outros corcundas, nossa história pessoal gravada na nossa carne, a história da humanidade gravada na carne do mundo. Tudo igual. A vida é repetição, repetição, repetição. Deus criou a vida, o humano criou a violência e a morte. Mas Deus roubou a mortezinha do homem, e fez a Grande Morte: o dilúvio, a morte de toda a criação. O humano dança na morte atômica, na devastação, no desprezo, Deus dança na eternidade dentro de um círculo de fogo. E o fogo é a grande vida e a grande morte. A dança que cria é a mesma que destrói. A morte faz parte da vida. O que morre vai para o mesmo lugar de onde veio. Quanto mais forte a morte criada pelo homem, mais forte a morte gerada por Deus. Pelo universo. Pela energia.

Pelo cosmo. Pelo absoluto. Chame como quiser. Do barro, do pó, à planta, da planta ao animal, do animal ao humano, do humano ao pó, do pó a Deus, de Deus a Deus. O círculo se fecha: somos terra, somos plantas, todos animais, humanos, somos Deus. Não filhos de Deus. Quando muito netos. Filhos somos é de Noé. Todos. Porque com a invenção da morte, o Deus criador se arrependeu de criar criadores como ele, imagem e semelhança. E disse a Noé:

GRANDE VOZ COM ECO - “Resolvi dar cabo de toda carne, porque a terra está cheia da violência dos homens e os farei perecer junto com a terra”.

POMBA - Romperam-se todas as fontes do grande abismo e as comportas do céu se abriram e foi o dilúvio, para matar todos os filhos de Deus. Menos Noé. Não somos filhos de Deus. Somos filhos de Noé. Noé é o humano reformado. Escolhido por Deus para recriar a humanidade. Na arca entraram Noé e sua mulher e na eternidade e mais dez milhões de eternidades que passaram lá dentro três filhos tiveram: Sem, Cam, Jafé. Três. Como Deus três reinos criou: a terra, as plantas, os animais. Três. Como os bichos: os de sangue quente, os peixes, as aves do céu. Três. Como as forças do ser humano: cabeça, corpo, coração. Espelho de Deus. Noé é espelho de Deus. Nós espelhos de Noé: espelhos do espelho. Não temos mais nada a ver com Deus. Deus ficou na memória. Um programa do que agora nós queremos ser. E quando a gente chegar lá, e o ser humano virar Deus, o círculo torna a se fechar. Acreditando ou não, Deus está na nossa alma. Não. Nós não temos alma, cada um a sua, não. A alma é Deus. Deus a alma do mundo. Só existe uma alma, todos nós ligados nela. Este véu branco: *anima mundi*. Estas fitas: nós. Acredite, não acredite, escolha. Não. Não tem escolha, porque escolher já é ter alma. Quando era único na arca, com sua mulher, Noé e ela, tinham a alma toda para eles. Homem mulher e a grande alma, que é Deus. Três. Deus macho, Deus fêmea, Deus alma. Movimento: amor. Como no princípio. Como na arca. Como hoje. A vida é repetição, repetição, repetição. É luz, é treva, criação, destruição. Movimento: tempo. Passou uma eternidade e mais dez milhões de eternidades do dilúvio. Pereceu toda carne que se movia sobre a terra, todos os enxames de criaturas que povoavam a terra, e todo homem. Na arca, os viventes se multiplica-

ram. Como antes. Como hoje. Terra, planta, bicho. Cabeça, corpo, coração. Sem, Cam, Jafé. Os filhos de Noé, os segundos primeiros. Quem foram? Quem são? Quem serão? Sem era branco como a luz. Cam negro como a noite. Jafé amarelo, dizem uns, vermelho, dizem outros, como a terra. Mas não se perguntavam, como nós perguntamos, “quem sou eu?” Sem, Cam, Jafé não perguntavam. Eram. Só. Eram. Como a perfeição do princípio. Restaurada a inocência, lembrou-se Deus de Noé e de todos os que com ele estavam na arca. Deus fez soprar um vento sobre a terra e baixaram as águas. E antes de abrir o ovo da arca para principiar outro Tempo e recomeçar o Amor, Noé mandou o Corvo ver se a terra estava seca.

CORVO - Fui.

POMBA - E no mar de lama viu uma confusão de carcaças de homem e animal, os répteis e as aves dos céus e os peixes colhidos na vazante.

CORVO - Vi.

POMBA - E não voltou para a arca.

CORVO - Voltei não.

POMBA - Do pó ao pó, à lama, toda carne retornara. Como no princípio. A vida é repetição, repetição, repetição. E o Corvo lá ficou para comer a morte.

CORVO - É.

POMBA - A morte: que é o que não é.

CORVO - O que é ou não é, isso é coisa de gente, esses ser ou não ser.

POMBA - O que será? O que é? O que foi? Futuro, presente, passado não existem, não.

Veja: o que eu falei agora já passou, o que falarei ainda não existe, mas agora já passou também. É passado, e o futuro que vem vindo, veio, pronto, passou. Já é passado. O presente é só esta fresta estreita por onde passa o futuro para virar passado. O Tempo não é passado, nem presente, nem futuro. O Tempo é. O Tempo “ser”. Para onde vai o passado? Para o mesmo lugar de onde vem o futuro. Um círculo: repetição, repetição, repetição. Zero. Ovo. Eternidade. Verbo: ser. Humano. **Ser** humano. Difícil? Nada. Cada um é a humanidade inteira: a que foi, a que é, a que será. É. Com diz o próprio nome do pai da humanidade: No-é.

Aquele que está sempre, que é no É. Aquele que “ser”. Você é seu pai e sua mãe: o antes. Você é você: o agora. Você é seus filhos, os que já teve, os que terá, ou que não terá: o depois. Você é “ser”. Esta cidade também é o que é, o que foi e o que será. Está tudo aqui, dentro de nós. E tudo fora. Tudo no “é”. Tudo “ser”. Tudo “éndo”. Ao mesmo tempo a galinha e o ovo. Ou o corvo e o ovo. Ou a pomba e o ovo. Então: Noé mandou o Corvo, ele não voltou. Passou uma eternidade e Noé mandou a Pomba, eu. Eu, sim, fui, vi e voltei. Com um ramo de oliveira no bico. A oliveira é aquela árvore que mais demora para crescer e precisa de terra seca. Se a oliveira tinha folhas era porque a terra estava enxuta. Noé se riu e com ele a sua mulher e os seus filhos, Sem, Cam e Jafé se riram, e todos os animais. O sol brilhava, como no princípio do Tempo e outro Tempo estava para principiar. Noé abriu a arca. E Deus disse:

GRANDE VOZ COM ECO - “Saíam da arca, povoem a terra e nela se multipliquem”.

POMBA - E do alto do monte onde parou a arca, Noé olhou o mundo. Lavado pela morte do que era, vazio do que é, mas cheio do que será. E uma parte do mundo deu para seu filho Sem para que povoasse de semitas, gente branca. E uma parte para Cam para que povoasse de camitas, gente negra. E uma parte para Jafé para que povoasse de jafetas, gente amarela (ou vermelha, quem saberá?). E deles se povoou a terra. Todos diversos, todos iguais, brancos, negros, amarelos: a humanidade, iguais, filhos de Noé, que povoaram o mundo, e aqui estamos: nós, todos, iguais. Todos Noé, todos Sem, Cam, Jafé. Hoje como ontem. A Torre de Babel não foi só ontem. É hoje, será amanhã. Olhe estes prédios, estas torres, a confusão de línguas, ondas: rádio, televisão, telefone, sons, vozes, verbo, imagens, semelhanças: espelho. Refletindo, refletindo. Ontem, hoje, amanhã, como no princípio. A vida é repetição, repetição, repetição. Porque não há princípio, há princípios: cobra mordendo o rabo. Não. Uma cobra mordendo o rabo da outra acima e essa mordendo o rabo da outra acima que morde o rabo da outra acima e da outra acima e da outra acima, gira a espiral para o alto ou para baixo ou para qualquer lado, não importa, para todos os lados: um espelho na frente de outro espelho, Homem

imagem e semelhança de Deus, Deus imagem e semelhança do Homem, pela eternidade e mais dez milhões de eternidades.

## EPÍLOGO

NOÉ - E outra vez pisamos o chão seco e firme.

A terra em seu lugar,

as águas em seu lugar,

o sopro do vento.

E dos troncos mortos,

fizemos fogo vivo.

E a fumaça subiu ao céu

e Deus disse:

GRANDE VOZ COM ECO - “Pavor e medo de vós virão sobre tudo o que se move sobre a terra. Tudo o que vive vos servirá para alimento. Como vos dei a erva verde, tudo vos dou agora. Este é o sinal da aliança que faço entre mim e vós, e todos os seres viventes para perpétuas gerações. Crescei e multiplicai-vos. Porei nas nuvens o meu arco, como sinal, e as águas não mais se tornarão em dilúvio para destruir toda carne.”

NOÉ - E vendo no céu o arco-íris,

como um anel, uma aliança,

espalhei meus filhos pela terra,

e os animais espalhei,

para que se multiplicassem todos,

e outra vez comesassem o mundo.

Deus, então, mais uma vez, se retirou-se.

E compreendi que eu era de Deus,

que eu era Deus.

Que de mim,

e só de mim,

dependia toda a vida.

Quem sou eu?

Eu sou o que é. No é.

Sou vocês, como vocês são o que são.

Ninguém não é.

E como eu sou Deus,

você, você, e você, cada um de nós aqui

pisando este chão,

respirando este ar,

olhando esta luz,

cada um é um,

e é todos.

Cada um é Deus.

Imagem e semelhança,

espelho de si mesmo.

Olha quem está do teu lado.

Ele é você, como você é ele.

Deus, todos.

E nossa é a vida.

Viva!



São Paulo, novembro de 1997